

## **ENERGÉTICA E HERMENÊUTICA NO PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA DE FREUD: Uma Leitura de Paul Ricoeur**

**Prof.<sup>a</sup> Ms. Marcela Barbosa Leite<sup>1</sup>**

**UFRN/UFPB/UFPE**

**Resumo:** Neste trabalho, pretendemos examinar a primeira noção de "aparelho psíquico" elaborada por Freud em *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895). Tomando como fio condutor a leitura de Paul Ricoeur em *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*, mostraremos como a explicação energética ou fisicalista, típica do modelo mecânico das ciências da época, aos poucos, cede lugar à compreensão hermenêutica do funcionamento do aparelho psíquico.

**Palavras-chave:** Freud, Ricoeur, energética, hermenêutica, aparelho psíquico.

**Abstract:** In this work, we intend to examine the first conception of "psychic apparatus" elaborated in Freud's Project for a Scientific Psychology (1895). Utilized head the read de Paul Ricoeur in of the Interpretation: An Essay on Freud. Show how the energetic or physicals explanation, typical of the mechanical model of the sciences of the age, gradually gives way to hermeneutic understanding of the functioning of psychic life.

**Keywords:** Freud, Ricoeur, energetic, hermeneutic, psychic apparatus.

### **Introdução**

*Estou atormentado por (...) examinar que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental, se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das formas nervosas (...)* (Freud, numa carta a Fliess, de 25/05/1895)

Será objeto deste trabalho empreender uma reflexão em torno da primeira noção de "aparelho psíquico" elaborada por Freud no seu *Projeto para uma*

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Doutorado Integrado em Filosofia UFRN/UFPB/UFPE.

*Psicologia Científica*, de 1895<sup>2</sup>: Que “aparelho” é esse? Como funciona? Se é uma visão fisicalista da vida psíquica, como ficam situados a teoria dos neurônios, o problema da “quantidade”, da “qualidade”, o papel da satisfação e da dor, do desejo? Nosso propósito é fazermos uma leitura junto a Paul Ricoeur, à luz de sua tese de que no *Projeto* já tem, implicitamente, uma hermenêutica. Para ele, a Psicanálise é um discurso tanto energético, na medida em que explica as forças atuantes na vida psíquica do homem, quanto um discurso hermenêutico, ao tentar desvendar os sentidos ali ocultos.

Nesta perspectiva, acompanharemos o caminho percorrido por Paul Ricoeur em *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*, baseando-nos em sua primeira parte do Livro II: *Analítica: Leitura de Freud* que discorre sobre a interpretação freudiana considerada em si mesma (Cf. RICOEUR, 1977, p. 59). O que vai nos interessar é o primeiro capítulo destes estudos, intitulado "Uma Energética sem Hermenêutica". É aí que Ricoeur mostra "como é possível que a explicação econômica passe por uma interpretação que versa sobre significações e, em sentido oposto, que a interpretação seja *um momento* da explicação econômica" (RICOEUR, 1977, p. 68) ou, dito de outra forma, como força e sentido se articulam entre si no âmago do que Freud chamou de "aparelho psíquico".

## **1 O contexto epistemológico do nascimento da psicanálise freudiana**

Antes de tudo, vejamos, em linhas gerais, a atmosfera epistemológica e cultural reinantes na época de Freud, atmosfera marcada, de um lado, pela corrente apolínea do Positivismo e, de outro, pela tendência dionisíaca do Romantismo alemão, para que possamos compreender os fundamentos da “Metapsicologia do Inconsciente”.

É preciso lembrar, pois, que a formação intelectual de Freud se deu numa época em que o conhecimento científico era o “supremo poder resolutivo dos males do mundo”, o detentor da legitimidade de todo o saber. Freud não ficou às

---

<sup>2</sup> Todas as citações e referências à obra de Freud correspondem à Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, da Imago Editora.

margens dessa influência. Apesar de preferir entregar-se "livremente aos seus pensamentos a fim de ver até onde o levariam, colocando de lado, nesse processo, qualquer problema ligado a uma configuração precisa" e apesar de julgar a "exatidão e definições precisas" como "aborrecidas ou pedantes", contamos o seu biógrafo Ernest Jones que *a necessidade de submeter-se a uma disciplina científica* foi mais forte em Freud porque também ele estava convencido de que a ciência da natureza era a única capaz de fornecer respostas às questões da humanidade (Cf. JONES, 1979, p. 65-67).

Dessa forma, "a Psicanálise, como o próprio Freud comentou, não tem uma *weltanschauung* própria, pois sua *weltanschauung* é a da própria Ciência" (ROCHA, 1995, p. 62). A ambição de Freud ao pretender, desde o início, dar à sua Psicanálise o estatuto da ciência o levou a fundamentar suas descobertas psíquicas no chão das ciências empíricas, considerada a forma perfeita e única de ciência, caso contrário, não seriam sequer ouvidas pela comunidade científica da época (Cf. ROCHA, 1995, p. 62 e 63): Apoiando-se num modelo médico-físico, escreveu *Projeto para uma Psicologia Científica*.<sup>3</sup>

Influenciado, entretanto, pelo espírito do Romantismo alemão de sua época, Freud mostrou-se inclinado a reconhecer também a existência daquilo que é irracional no homem: as paixões que o governam, a intuição. É neste sentido que Assoun ressalta a originalidade de Freud: o fato de ele ter conseguido devolver às ciências naturais *toda uma região da natureza* que elas haviam deixado para trás - o espírito humano (Cf. ASSOUN, 1983, p. 37). Ou, nas palavras de Birman, o discurso freudiano seria "a tentativa de articulação entre os registros da natureza e do espírito" (BIRMAN, 1994, p. 46).

## 2 Energética e Hermenêutica: Um Diálogo Possível ?

---

<sup>3</sup> Escrito em 1895 e publicado em *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, em Londres, quase 50 anos depois, este texto de 100 páginas, originalmente, não teve título. O título alemão *Esboço de uma Psicologia* foi escolhido pelos compiladores dos *Anfängen*. O título inglês, "Projeto para uma Psicologia Científica", é escolha do tradutor. Para alguns pesquisadores, quando Freud, em cartas a Fliess, fala de sua "Psicologia para Neurologistas" é do *Projeto* que se refere.

Ricoeur inicia os seus estudos epistemológicos do *freudismo* pondo o seu problema central - o de que o discurso freudiano ora se apresenta como explicação econômica ora como interpretação dos sentidos – como sendo uma aporia: "qual é o estatuto da representação relativamente às noções de pulsão, de objetivo de pulsão e de afeto? Como compor uma interpretação do sentido pelo sentido com uma econômica de investimentos, de desinvestimentos e de contra-investimentos?" (RICOEUR, 1977, p. 68). O que uma tem a ver com a outra? Estão em planos completamente diferentes, ou é possível um diálogo, um intercâmbio entre elas? Ricoeur argumenta que seria mais fácil decidir por um único caminho e o problema estaria solucionado. Porém, diz ele, é justamente por se negar a optar por qualquer destes caminhos que o *freudismo* se constitui; é essa a maneira freudiana de compreender a vida psíquica. No entanto, estas relações não estiveram sempre claras para Freud. Como em toda construção de um saber, a Psicanálise foi elaborada ao longo de um árduo trabalho, sempre interrogado e sempre aberto para novas revisões.<sup>4</sup>

Segundo Ricoeur, é no *Projeto* que encontramos o divórcio entre a explicação econômica e a interpretação dos sentidos e, posteriormente, no sétimo capítulo de *A Interpretação dos Sonhos* (1900) Freud volta à posição inicial do *Projeto* para, assim, articulá-la com o trabalho da interpretação. Ricoeur se refere ao *Projeto* como sendo "um estado não hermenêutico do sistema". O que aparece, aqui, pelo menos de início, é um Freud fisicalista, cientificista que, com o seu jargão neurológico dá pouco, ou melhor, nenhum espaço à hermenêutica. Todavia, importa sempre situar: o conteúdo de tal texto representa toda uma época em que a cientificidade encontrava-se em seu apogeu, embora, no curso da escrita nota-se que o plano explicativo do *Projeto* é aos poucos deixado para dar

---

<sup>4</sup> À título de ilustração: Freud chamou a Metapsicologia de "Metapsicologia da Feiticeira", para aludir que se não tem respostas para tudo. "Temos de chamar a Feiticeira em nosso auxílio, afinal de contas. Sem especulação e teorização metapsicológica – quase disse 'fantasiar' - não daríamos outro passo à frente [...] o que a Feiticeira nos revela não é muito claro nem muito minucioso" (FREUD, S. *Análise Terminável e Interminável* (1937), 1990, v. XXIII, p. 257). O que Freud queria dizer é que é preciso inventar e, de vez em quando, deixar-se voar nas asas da imaginação para poder "compreender" o que a "pura teoria" não daria conta.

lugar a apenas uma linguagem de referência para idéias que mais tarde seriam desenvolvidas<sup>5</sup> (Cf. RICOEUR, 1977, p. 71).

Ao escrever o *Projeto*, Freud tem como propósito dar uma explicação do funcionamento do aparelho psíquico utilizando-se de noções emprestadas da Física, mais especificamente, da termodinâmica: trata-se de um "aparelho" que recebe, transmite e transforma estímulos. No entanto, este "aparelho neuronal" descrito por Freud deve ser entendido como um esquema explicativo, não tendo, necessariamente, uma equivalência real, exata com o sistema nervoso em suas bases anatômicas. Isto se deve à preocupação de Freud em considerar os processos psíquicos numa abordagem quantitativa<sup>6</sup> (Cf. GARCIA-ROZA, 1991, p. 80 e 81).

"A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. Duas são as idéias principais envolvidas: [1] A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Q, sujeita às leis gerais do movimento; [2] Os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais" (FREUD, 1990, v. I, p. 403).

Nesta perspectiva, Freud se utiliza do princípio de inércia neurônica para explicar como esta "economia das forças nervosas" ocorre. De acordo com este princípio, o organismo tende a esvaziar-se totalmente da quantidade de energia segundo o modelo de funcionamento do arco reflexo em que as excitações recebidas pelo neurônio sensitivo devem ser descarregadas inteiramente pelas vias motoras. Para Freud, "essa descarga representa a função primária do sistema nervoso" (FREUD, 1990, v. I, p. 405) e, junto a ela atua uma outra função

---

<sup>5</sup> Há estudiosos como Garcia-Roza, por exemplo, que consideram o *Projeto* como "pré-psicanalítico", um texto que faz parte da pré-história da Psicanálise, devido a ausência de certos conceitos psicanalíticos cruciais. Sobre isso, leia-se "A Pré-História da Psicanálise – II: O *Projeto* de 1895", in *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 42-60. Também em *Introdução à Metapsicologia Freudiana 1*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, Garcia-Roza se dedica a um estudo sobre o *Projeto*, que vale a pena conferir.

<sup>6</sup> "O *Projeto* não é um trabalho descritivo baseado em observações e experimentos, mas um trabalho teórico de natureza fundamentalmente hipotética" (GARCIA-ROZA, 1995, p. 47).

chamada por ele de secundária (imposta pelas condições gerais da vida) que propicia não apenas o escoamento das excitações, mas ainda conserva aquelas vias de descarga que facilitam a *fuga do estímulo*.

A partir deste princípio, Freud elaborou a noção de *lei da constância* que aparece no *Projeto* como uma lei secundária<sup>7</sup> cuja tarefa é a de não só evitar o escoamento total de energia, mas também manter a quantidade de tensão interna tão reduzida quanto possível, ou seja, mantê-la constante. Isso porque o sistema nervoso é atingido também por estímulos provindos do próprio organismo - estímulos endógenos - dos quais não é possível fugir, como acontece no caso dos estímulos externos. Se, portanto, o sistema nervoso descarregasse toda a energia que recebe, não ficaria com forças suficientes para exercer uma ação específica de modo a lidar com as exigências destes estímulos endógenos. Como Ricoeur assinala, "o aparelho psíquico é obrigado a armazenar e a investir uma massa de manobra, constituída por um conjunto permanente de quantidades 'ligadas', destinadas a reduzirem as tensões sem serem capazes de suprimi-las" (RICOEUR, 1977, p. 72). Assim, é possível "fugir" (ação específica) de um "cão feroz" (estímulo externo), como também é possível "buscar o alimento" (ação específica) para aliviar a "fome" (estímulo interno).

Freud postulou o conceito de "barreiras de contato" ao falar que o sistema nervoso tem duas tendências básicas: uma delas, é a de fazer escoar livremente toda a energia – tarefa que cabe aos *neurônios permeáveis* (neurônios do sistema  $\phi$ ), que não oferecem resistência ao livre escoamento de energia, agindo como se não houvesse nenhuma barreira. A outra tendência, consiste em levar o sistema nervoso a guardar e investir certa quantidade de energia para fazer face aos estímulos internos – tarefa dos *neurônios impermeáveis* (neurônios do sistema  $\psi$ ). Estes tentam impedir a passagem da energia que teima em descarregar livremente, graças a uma espécie de memória de que são dotados. Os neurônios  $\phi$  são alimentados diretamente na fonte externa, passando a receber maior

---

<sup>7</sup> É apenas vinte e cinco anos depois, em *Além do Princípio do Prazer* (1920) que Freud mais evidentemente, postula, em termos psicológicos, um "princípio de constância" independente. Ver considerações importantes feitas pelo editor inglês numa longa nota de rodapé em *Os Instintos e suas Vicissitudes* (1915), 1990, v. XIV. p. 141 e 142.

quantidade de excitação. Por essa razão, não podem criar barreiras de contato entre si, pois seriam destruídas pelo excesso de energia. Já os neurônios  $\psi$ , por receberem menor quantidade de energia, são capazes de constituir uma memória e formar as barreiras de contato. De qualquer modo, os dois grupos de neurônios têm como função básica evitar que quantidades de energia excessiva acometam o sistema nervoso e resulte o desprazer (Cf. FREUD, 1990, v. I, p. 410).

À medida em que o trabalho do *Projeto* avança, surge, então, uma série de dificuldades relacionadas ao "modelo quantitativo"<sup>8</sup>, especialmente quando entra em questão a consciência, chamada por Freud de "neurônios perceptivos". Estes seriam responsáveis pelas qualidades sensoriais, responsáveis por transformar uma quantidade externa em qualidades, identificando, assim, o que é prazeroso e o que é desprazeroso. No entanto, Freud vê que não é o bastante, dizer que o prazer é sensação de descarga ou baixo nível de tensão e que o desprazer, o contrário, a quantidade elevada de energia interna acumulada. Esta explicação mecânica não explica muita coisa. E de onde se originam estas sensações?<sup>9</sup> Neste ponto, Ricoeur observa que "o par prazer-desprazer coloca em jogo mais que o funcionamento isolado do aparelho psíquico; ele coloca em jogo o mundo exterior (alimentação, parceiro sexual); com o mundo exterior aparece [o] outro" (RICOEUR, 1977, p. 73).

---

<sup>8</sup> A *quantidade* vai ganhando, segundo Ricoeur, conotações diferentes ao longo do *Projeto*, não ficando apenas atrelada à idéia de "energia física" - a energia que "circula", "enche", "ocupa", "evacua", que "carrega", "descarrega", é "armazenada", "represada", "livre", "ligada", mas adquire, mais adiante em outro contexto, um sentido mais metafórico. Por enquanto, no *Projeto*, a *quantidade* é apenas "medida", por assim dizer, pelas "qualidades delineadas", por exemplo, quantidade "relativamente fraca", quantidade "excessiva", quantidade "grande" etc. Uma medida numérica, observa Ricoeur, não foi, curiosamente, empregada por Freud. A hipótese quantitativa de Freud é apenas uma hipótese sobre a regulação da intensidade. Garcia-Roza, considerando o uso de Freud das noções de *quantidade*, *qualidade* e *intensidade* que ao longo de sua obra vão adquirindo mais rigor e precisão, faz uma clara distinção: "Em geral, o termo *quantidade* aplica-se a algo que é efetivamente medido ou que é mensurável, embora não seja atualmente expresso por um número; opõe-se à *qualidade*, que se refere aos aspectos sensíveis da percepção. A *intensidade*, por sua vez, é a propriedade de algo que está sujeito a aumento ou diminuição e que apesar de implicar a quantidade, não é redutível a ela. Em certos casos, a intensidade é considerada como a expressão qualitativa de uma quantidade." (GARCIA-ROZA, 1995, p. 82 a 87).

<sup>9</sup> Inicialmente, Freud argumentou que as diferenças qualitativas que a consciência percebe em relação à realidade, não poderiam ter origem no mundo externo visto que a ciência afirmava que o mundo externo só nos fornece "quantidades".

Ao considerar esta relação com outrem, Freud vai falar da *experiência de satisfação*. Dissemos anteriormente que o alívio da tensão só pode ser obtido através da descarga efetuada por uma *ação específica* que põe fim às excitações. Ocorre que um bebê não é capaz de realizar a ação específica ou adequada que elimina o estado de tensão decorrente do acúmulo dos estímulos internos. Com fome, por exemplo, ele pode gritar, chorar, espernear, mas estas respostas motoras, por si, não darão conta do seu "desconforto". É necessário que um adulto (a mãe ou outro objeto externo que cuide dele) reconheça estes sinais e lhe ofereça o alimento para, então, ser suprimido o estado de tensão<sup>10</sup>. A partir deste momento, a vivência de satisfação fica associada à imagem do objeto que propiciou a satisfação bem como à imagem dos movimentos reflexos que facilitaram a descarga. De agora em diante, uma vez repetido o estado de tensão, há um impulso psíquico de reinvestir estas imagens mnêmicas no intuito de reviver a experiência de satisfação original. É o que Freud denomina de *desejo*. Todavia, o que é reinvestido são os traços da imagem do objeto que ficaram registrados na memória, a *idéia imaginada* e não a imagem real do objeto de satisfação. Tudo se passa como uma *alucinação*<sup>11</sup> e não demora muito a surgir o desprazer, a frustração, pois, daí, não pode haver a satisfação. Freud afirma que o mesmo se dá na experiência da dor:

Quando a imagem mnêmica do objeto (hostil) é renovadamente catexizada por qualquer razão - por nova percepção, digamos -, surge um estado que não é o da dor, mas que, apesar disso, tem certa semelhança com ela. Esse estado inclui o desprazer e a tendência à descarga que corresponde à experiência da dor (FREUD, 1990, v. I. p. 434).

Para Freud, estas duas experiências – a de satisfação e a de dor – constituem “os estados de desejos” e “os afetos” que têm em comum o fato de

---

<sup>10</sup> É neste sentido que Freud afirma que "essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*" (FREUD, 1990, v. I, p. 431. Grifos do autor).

<sup>11</sup> "Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção - a saber, uma *alucinação*." (FREUD, 1990, v. I. p. 433).

serem caracterizados por um aumento da tensão no sistema de neurônios  $\psi$  produzido, no caso de um afeto, pela liberação súbita e, no de um desejo, por soma.<sup>12</sup> "O estado de desejo resulta numa atração positiva para o objeto desejado, ou mais precisamente, por sua imagem mnêmica; a experiência da dor leva à repulsa, à aversão por manter catexizada a imagem mnemônica hostil" (FREUD, 1990, v. I. p. 436).

Seja como for, o que acontece é que o bebê, por não poder fazer uma distinção entre o objeto de desejo real e o objeto alucinado, trata este último como se fosse o real, espera dele a satisfação e se "decepciona", digamos assim, porque o que vem é mais desprazer, mais desconforto devido ao acúmulo de tensão. É então que Freud introduz uma organização do sistema  $\psi$ , chamada ego cujo dever é o de impedir, *inibir* o desejo, o investimento nas imagens mnemônicas do primeiro objeto de satisfação. Dito de outra maneira, sua função é a de evitar a alucinação e a frustração que nasce quando se reinveste o objeto alucinado. "É (...) a inibição pelo ego que possibilita um critério de diferenciação entre a percepção e a lembrança" (FREUD, v. I. p. 441, grifos do autor); por conseguinte, possibilita um *indicador da realidade* que permite uma descarga no sentido da ação específica<sup>13</sup>.

Temos, portanto, que a experiência da satisfação marca a passagem do processo primário ao processo secundário, concepções fundamentais da Psicanálise<sup>14</sup>. Como analisa Ricoeur, "no processo primário, onde o aparelho

---

<sup>12</sup> Segundo Garcia-Roza, os afetos "aparecem no *Projeto* com um sentido praticamente idêntico ao de 'soma de excitação'. Convém assinalar, porém, que a noção de afeto não é uma noção quantitativa; um afeto inclui processos de descarga mas inclui também manifestações finais que são percebidas como sentimentos. Esses sentimentos podem ser tanto de prazer como de desprazer, o que elimina a noção um tanto vaga, presente no *Projeto*, de que os afetos se referem apenas a experiências desagradáveis" (GARCIA-ROZA, 1995, p. 55).

<sup>13</sup> Atentemos, porém, para uma importante distinção que nos faz Garcia-Roza (1995, p. 56): O ego do *Projeto* não é o mesmo da segunda Tópica que tem acesso à realidade, que é "sujeito" da consciência, da percepção ou do desejo. O acesso à realidade é propiciado pelo sistema perceptivo formado pelos neurônios  $\pi$  não pelos neurônios do sistema  $\psi$ . O ego do *Projeto* é uma parte do sistema  $\psi$ , e tem, essencialmente, a função de inibição. Como considerou Freud, esse ego não passa de *um feixe de neurônios de fáceis relações*, "a totalidade das catexias  $\psi$  existentes em determinado momento, nas quais cumpre diferenciar um componente permanente e outro mutável"(FREUD, 1190, v. I, p. 437).

<sup>14</sup> Os processos primários e os processos secundários já falam de representações e correspondem ao sistema de neurônios  $\psi$ ; neste caso, não devemos confundir os processos

funciona mais próximo do princípio de inércia, [dada a tendência da vida psíquica a *evitar o desprazer*<sup>15</sup>] a descarga segue a via do reinvestimento das imagens mnemônicas do objeto desejado e dos movimento para obtê-lo” (RICOEUR, 1977, p.74); a “energia psíquica” que circula “livremente” segue as vias mais imediatas e curtas que encontrar, isso porque o processo primário é regido pelo *princípio de prazer*. No processo secundário, o ego – energia psíquica “ligada” - é capaz de lidar com o acúmulo de tensão de maneira que a descarga encontre um caminho adequado – não importa que a satisfação seja adiada, o que importa é que seja regida pelo *princípio de realidade*. Neste sentido, pode-se dizer, segundo Garcia-Roza, que do ponto de vista genético, o processo secundário surge de uma transformação do processo primário, como duas etapas na diferenciação do aparelho psíquico que antes eram indiferenciadas.

### **À Guisa de Conclusão**

Freud segue no *Projeto*, a sua análise em torno dos processos psíquicos relacionados à *Cognição e o Pensamento Reprodutivo, Memória e Juízo, Pensamento e Realidade, Sono e Sonhos* etc.; depois, na segunda parte, trata da *Psicopatologia*, incluindo aí alguns estudos sobre a histeria e, na terceira parte, torna-se sua *Tentativa de Representar os Processos Psíquicos Normais*. Está fora de nosso alcance abordar, neste trabalho, todo o pensamento freudiano em torno do *Projeto*; quisemos tão somente empreender uma reflexão sobre a primeira noção de “aparelho psíquico” elaborada e as implicações que emergem daí: o problema da quantidade, da qualidade, a teoria dos sistemas neurônicos, o papel da satisfação e da dor, enfim, como funciona este “aparelho”, sempre à luz da

---

primário e secundário com as funções (já mencionadas) primárias e secundárias – estas se referem ao modo de funcionamento básico do sistema nervoso ou do organismo como um todo.

<sup>15</sup> Em decorrência disso, pensa-se, geralmente, que o "princípio de inércia" e o "princípio de prazer" são quase a mesma coisa. Em *A Interpretação de Sonhos* (1900) não há diferenciação significativa; em *Além do Princípio de Prazer* (1920) a distinção começa a ficar clara quando Freud indica que nem todo acúmulo de tensão é desprazeroso; todavia, é em *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924) que Freud trata desta questão mais diretamente e declara que estes dois processos não podem, de modo algum, ser identificados um com o outro. Diz ele: "Parece que na série de sensações de tensão temos um sentido imediato do aumento e diminuição das quantidades de estímulo, e não se pode duvidar que há tesões prazerosas e relaxamentos desprazerosos de tensão". E confere à excitação sexual o exemplo mais notável embora não seja o único (Cf. FREUD, 1990, v. XIX. p. 200).

problemática colocada por Ricoeur, a saber, que o *Projeto* é passível de interpretação. Ou, de outra forma, que “ neste texto já há hermenêutica”.

Se pudermos dizer assim, o *Projeto* é o berço da criança que estava para nascer. Há quem enxergue no *Projeto* o germe da Psicanálise e encontre no seu conteúdo os conceitos fundamentais que posteriormente foram elaborados. Freud nunca abandonou o ponto de vista fisicalista/neurológico que norteou esta obra, mas é interessante ver como o modelo quantitativo, mecânico utilizado para explicar a vida psíquica, aos poucos, vai se tornando apenas isso: um lugar de referência para as grandes descobertas. A Neurologia dá lugar à Metapsicologia, a “explicação” neurológica cede lugar à “compreensão” hermenêutica.

Há ainda quem olhe mais que isso e inscreva o *Projeto* já numa tópica, “subterraneamente *religada* ao trabalho de decifração” – Ricoeur aposta nisso. Para ele, nesta obra já há hermenêutica, como o dissemos. Freud dá a dica quando, por exemplo, postula uma “noção de quantidade” nunca medida, mas sempre “interpretada” (se é possível dizer desta forma) pelas qualidades ou pelas intensidades que se apresentam: fraca, excessiva, grande, relativa são as “modalidades” do fator quantitativo. Ricoeur lembra que o próprio Freud elaborou o conceito de quantidade a partir de observações clínicas, a partir de seus históricos, de seus obsessivos onde constatou que o caráter quantitativo é maior que entre as pessoas ditas “normais”. Talvez, diz Ricoeur, a angústia forneça, de modo mais evidente, uma *presença* sensível à quantidade. “O aspecto mecânico da quantidade é menos importante, no final das contas, do que seu aspecto intensivo” (RICOEUR, 1977, p.78).

Em relação a determinados conceitos energéticos e dinâmicos descritos no *Projeto*, como: carga, descarga, investimento, tensão, energia livre ou ligada, defesa, resistência, recalque, transferência são todos considerados hermeneuticamente na clínica psicopatológica das neuroses, muito embora alguns deles nunca percam seu “teor” quantitativo, como é o caso da noção de investimento.

Da mesma forma, “mecanismos” como o “mecanismo do sonho”, o “mecanismo do luto” adquirem mais adiante em outros textos, o estatuto de

“trabalho”, com todo o simbolismo que envolve um “trabalho psíquico”: reprodução, elaboração, deformação, deslocamento, condensação etc. Ricoeur considera ainda que a “teoria da constância e sua transcrição anatômica constituem tão pouco o suporte do edifício que, quando o “Projeto” sucumbir na dúvida<sup>16</sup>, só a clínica das neuroses sobreviverá” (RICOEUR, 1977, p. 78). Neste sentido, conclui que etiologia sexual das neuroses, puramente clínica, sem sombra de dúvida, foi muito mais longe que qualquer hipótese médico-orgânica, qualquer sistema quantitativo poderia ir.

Seja como for, não obstante toda a força do cientificismo da sua época, Freud foi corajoso o suficiente para levar adiante as suas idéias revolucionárias sobre a natureza, sobre o "infantil", sobre o homem, sobre a cultura, sobre a vida ... De tudo, um pouco (ou muito) Freud falou e, depois disso, nada pôde ser como antes.

## REFERÊNCIAS

ASSOUN, P. L. **Introdução à Epistemologia Freudiana**. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

BIRMAN, J. **Psicanálise, Ciência e Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

**CORRESPONDÊNCIA COMPLETA DE SIGMUND FREUD PARA WILHELM FLIESS** (1887-1904). Editado por Jeffrey Moussaieff Masson. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, S. **Projeto para uma Psicologia Científica** (1895). 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v. I. (Obras Completas de Sigmund Freud – Edição Standard Brasileira).

\_\_\_\_\_. **A Interpretação de Sonhos** (1900). 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v. IV. (Obras Completas de Sigmund Freud – Edição Standard Brasileira).

\_\_\_\_\_. **Os Instintos e suas Vicissitudes** (1915). 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v. XIV. (Obras Completas de Sigmund Freud – Edição Standard Brasileira).

---

<sup>16</sup> Freud hesitou frequentemente quanto ao valor das idéias contidas no *Projeto*.

\_\_\_\_\_. **Além do Princípio de Prazer** (1920). 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v. XVIII. (Obras Completas de Sigmund Freud – Edição Standard Brasileira).

\_\_\_\_\_. **O Problema Econômico do Masoquismo**(1924). 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v. XIX. (Obras Completas de Sigmund Freud – Edição Standard Brasileira).

\_\_\_\_\_. **Análise Terminável e Interminável** (1937). 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990, v. XXIII. (Obras Completas de Sigmund Freud – Edição Standard Brasileira).

GARCIA ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. v. I.

JONES, Ernest. **Vida e Obra de Sigmund Freud**. 3. ed. Organização e Resumo de Lionel Trilling e Steven Marcus. Tradução de Marco Aurélio de Moura Mattos. Rio de Janeiro, Guanabara Ed. 1979.

RICOEUR, P. **Da Interpretação**: Ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ROCHA, Zeferino. **Freud**: Aproximações. 2. ed. Recife: Editora Universitária/UFPE, 1995.